

História Social da Língua Nacional 2

Diáspora Africana

Organização:

Ivana Stolze Lima

Laura do Carmo

Rio de Janeiro

2014



NAU
E D I T O R A

© **NAU Editora**

Rua Nova Jerusalém, 320 CEP: 21042-235 - Rio de Janeiro (RJ)

Tel: (21) 3546-2838

www.naueditora.com.br

contato@naueditora.com.br

Coordenação editorial: Simone Rodrigues

Revisão: Miro Figueiredo e Valquíria Della Pozza

Capa e projeto gráfico: Estúdio Arteônica

Editoração eletrônica: Dionísio Reis e Mariana Lobo

Imagem capa: Anônimo. Branco escondido, olhando negros conversando, c 1829. Aquarela, guache e tinta ferográfica. Coleção particular. (extraída de *Para nunca esquecer*. Negras memórias memórias de negros. Curadoria Emanuel Araújo; texto de Francisco Weffort et al. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2002)

Tradução do texto de Marissa Moorman: Vivien Kogut Lessa de Sá

Conselho editorial: Alessandro Bandeira Duarte, Claudia Saldanha, Cristina Monteiro de Castro Pereira, Francisco Portugal, Maria Cristina Louro Berbara, Pedro Hussak e Vladimir Menezes Vieira.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

H58

História social da língua nacional 2: diáspora africana / organização Ivana Stolze Lima ,
Laura do Carmo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : NAU, 2014.

392 p. : il. ; 21 cm.

Sequência de: História social da língua nacional

Continua com: História social da língua nacional 2: diáspora africana

Inclui bibliografia

Inclui mapas

ISBN 978-85-8128-028-8

1. Língua portuguesa. 2. História social. I. Lima, Ivana Stolze. II. Carmo, Laura do.

14-14859

CDD: 469.5

CDU: 811.134.3'36

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora.

Rio de Janeiro - 1ª edição 2014 - 1.000 exemplares

Meus bisavós vieram de Moçambique. Contam que ficavam entre eles, conversando a língua deles, quando o senhor via que eles estavam conversando na língua africana, gritava! Não era para falar mais. Tiveram que perder a língua à força. Não era para falar mais, então falavam escondido. Quando queriam conversar na língua deles, conversavam escondido. Diz que ficavam olhando assim: 'Senhor, olha o senhor lá!' E aí tinham que falar português, que eles não sabiam direito. Meu pai contava muito dos avós, mas não falava africano. Alguma palavra, ele contava para nós que era em língua africana, mas não falava mais nada. Não deixaram, foi proibido falar para os filhos não aprender. Os que vieram de lá não tinham licença para ensinar os filhos. Fizeram mesmo que acabasse a língua.

Benedita, 80 anos,
entrevista feita em São Paulo em 1987

Memórias do Cativo: narrativas.
Laboratório de História Oral e Imagem, UFF.

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	
<i>Ivana Stolze Lima e Laura do Carmo</i>	11

PARA PENSAR A HISTÓRIA DAS LÍNGUAS AFRICANAS NO BRASIL

Línguas africanas no Brasil: vitalidade e invisibilidade	
<i>Margarida Petter</i>	19

As difusas fronteiras entre línguas crioulas e línguas não crioulas: o caso da gênese e desenvolvimento da língua nacional no Brasil	
<i>Heliana Mello</i>	41

MUNDO ATLÂNTICO

A língua mina-jeje no Brasil, uma língua negro-africana documentada em Vila Rica no século XVIII	
<i>Yeda Pessoa de Castro</i>	61

As vozes centro-africanas no Atlântico Sul (1831-c.1850)	
<i>Marcos Abreu Leitão de Almeida</i>	73

Cantigas desaforadas e outras injúrias: o português e o quimbundo em Luanda (1870-1930)	
<i>Andrea Marzano</i>	105

“Sempre a subir!”: música e dança kuduro na Angola pós-colonial	
<i>Marissa Moorman</i>	121

SOBRE OS AFRICANOS

Como escrevi <i>O trono da rainha Jinga</i>	
<i>Alberto Mussa</i>	159

Africanos e descendentes em dicionários	
<i>Laura do Carmo</i>	165

Um <i>Rei negro</i> na literatura brasileira: Coelho Neto e a herança africana	
<i>Leonardo Affonso de Miranda Pereira</i>	183

A voz negra	
<i>Sérgio Bittencourt-Sampaio</i>	215

PRÁTICAS E POLÍTICAS

Africanos no Rio de Janeiro, entre fronteiras e práticas de comunicação

Ivana Stolze Lima 229

A árvore da palavra: falares, cantos e contos da tradição banto no Brasil

Sônia Queiroz 249

“O meu pai contava...”: tradição oral e identidade negra no sul fluminense

Hebe Mattos, Martha Abreu, Patrícia Brandão Couto 277

Jongo, espaço de construção de identidade: afinando os pontos com a escola

Décio José Bernardo 311

A língua nagô no terreiro

Ialorixá Mãe Meninazinha d'Oxum 329

REFERÊNCIAS

Línguas africanas e línguas do tráfico

Margarida Petter 345

Línguas do grupo banto

Margarida Petter 349

Tráfico de africanos para o Brasil

Marcos Abreu Leitão de Almeida 353

Conceitos linguísticos

Heliana Mello 363

Estudos sobre línguas africanas

Margarida Petter 375

Bilhete do africano Cyro

Beatriz Gallotti Mamigonian 379

Vissungos recolhidos em Minas

por Aires da Mata Machado 389



APRESENTAÇÃO

Ivana Stolze Lima e Laura do Carmo

“Passarinho piou, está aprendendo a cantar, abre a roda do terreiro, deixe o passarinho entrar.”

(Ponto de jongo)

Este livro nasceu do *II Seminário História Social da Língua Nacional: Diáspora Africana*, realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa em outubro de 2010. Em 2007 realizou-se, nesta mesma Fundação, o primeiro seminário, que teve um escopo mais geral de discussões e que também foi transformado em livro.¹ Nossa intenção neste segundo encontro foi aprofundar um campo de reflexão e questionamento dos mais férteis e produtivos nas últimas décadas no Brasil. Discutir as questões da diáspora africana relacionadas ao processo histórico-social da língua nacional nos faz considerar o tráfico de escravos e as redes do mundo atlântico como travessia de homens, culturas, línguas, modos de comunicação e vida social. Ao pesquisarmos a escravidão, percebemos que tanto as formas de imposição da língua senhorial, como as estratégias de comunicação criadas pelos próprios africanos e descendentes foram relevantes, vide a persistência de línguas maternas, o surgimento de línguas gerais, os usos rituais e secretos de códigos próprios. Como explicar que a formação do Estado nacional no Brasil, sustentada na mão de obra escrava e nos privilégios da classe

1 LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. Disponível em versão digital no portal www.casaruibarbosa.gov.br, ou através do email hsln@rb.gov.br.

senhorial, foi também a experiência de gestação de um mundo das letras, com grande número de descendentes de escravos, libertos e africanos entre seus agentes, inclusive os mais ilustres? No Brasil contemporâneo, o esforço de apropriação dos instrumentos de poder, como a língua culta, os códigos legais, a educação formal, é um caminho que afirma vínculos comunitários e atuações políticas e identitárias.

O fato de os participantes desse encontro terem aceitado compartilhar seus objetos de estudo, modos de trabalho, resultados de pesquisas e algumas apreensões no modo de conduzi-las, revela por si só uma abertura cada vez mais presente e necessária nas pesquisas acadêmicas: a conversa entre diferentes áreas, a escuta de diferentes falantes. A organização do livro deu-nos uma sensação de maior proximidade de Exu – ou Inubarijô, boca coletiva, como diz Mãe Meninazinha, aquele que fala todas as línguas. A organicidade desta publicação pode ser percebida pela conversa, casual ou não, entre seus textos.

A primeira seção do livro discute algumas bases “Para pensar a história das línguas africanas no Brasil”. O artigo de Margarida Petter faz uma explanação mais geral sobre a questão das línguas e culturas africanas transplantadas para o país, e põe em perspectiva histórica o problema do léxico africano incorporado ao falar corrente. Heliana Mello examina as questionáveis fronteiras entre línguas crioulas e não crioulas e a formação da língua nacional no Brasil, considerando-se a situação de contato com os falantes nativos da terra e com as diferentes nações africanas que aqui chegaram.

Iniciamos a seção “Mundo atlântico” com o texto de Yeda Pessoa de Castro, que trata, a partir de um importante documento de época, do impressionante fluxo de falantes de línguas do grupo gbe, entre a Costa da Mina e Minas Gerais no século XVIII, que gerou uma língua geral africana na região. Focalizando as nações e línguas africanas que chegaram ao Rio de Janeiro, cerca de um século depois, Marcos Abreu aponta como a expectativa da incomunicabilidade entre os cativos africanos, presente em certas imagens este-

reotipadas da escravidão, nem sempre é fundada, visto que várias línguas aqui aportadas tinham uma origem comum, possibilitando a recriação de laços comunitários do lado de cá do Atlântico. Os artigos de Andrea Marzano e Marissa Moorman focalizam experiências culturais na cidade de Luanda, em que quimbundo e português se tocam e se distanciam durante o colonialismo e nos dias atuais.

Os africanos e descendentes como objetos de representações literárias e artísticas e de definições em dicionários costumam a seção “Sobre os africanos”. O texto de Alberto Mussa coloca, a partir de sua experiência como escritor ficcionista, a delicada questão da nomeação da cor dos personagens negros, e discute como a linguagem é uma das bases de estereótipos correntes na literatura brasileira. Exemplo disso é o romance *Rei negro*, de Coelho Neto, analisado por Leonardo Pereira, que mostra o esforço do escritor para refletir sobre as culturas negras, incluindo a representação de uma fala característica de escravos, esforço que acabava por recriar estereótipos e distanciamentos. São dilemas que ecoam na produção de verbetes de dicionários que, ao tentarem ser imparciais, como deve(ria)m ser, deixam escapar preconceitos e pontos de vista do lexicógrafo. Ao presenciar um batuque em uma fazenda em Vassouras, em 1892, Coelho Neto o descreve como “em gingas e saracoteios, que seriam requintadamente obscenos, se não fossem bárbaros”. Descrição que se assemelha ao verbete “batuque” no dicionário de Macedo Soares, alvo de estudo de Laura do Carmo. Nada melhor que a arte, especialmente a música, para sentirmos os limites dos estereótipos diante das nuances e complexidades da vida social, e por isso inserimos nessa parte o artigo de Sérgio Bittencourt Sampaio sobre uma tradição de sensibilidade para a voz negra, mostrando como cantoras negras inspiram tanto preconceito como deleite.

A parte seguinte, “Práticas e políticas”, inicia-se com a discussão de Ivana Stolze Lima sobre os usos da língua nacional para criar, mas também para confundir, as fronteiras da sociedade escravista no Rio de Janeiro oitocentista. Sonia Queiroz apresenta seu estudo sobre a chamada Gira

de Tabatinga em Minas Gerais. Vale lembrar que tomamos de uma de suas falantes, Dona Fiota, a epígrafe do primeiro livro *História social da língua nacional* (“Eu não tenho a letra, eu tenho a palavra”). As chamadas comunidades remanescentes de quilombolas constroem com a cultura, com o jeito de viver e a linguagem, espaços de política, estratégias presentes nas narrativas de descendentes de escravos do Vale do Paraíba, discutidas no texto de Martha Abreu, Hebe Mattos e Patrícia Couto. Uma memória histórica e de militância que se reafirma nos versos do jongo e no questionamento da atuação da escola formal junto aos modos de vida locais, tema discutido por Délcio Bernardo.

Destaca-se no seminário e nesta publicação a participação da ialorixá Mãe Meninazinha d’Oxum, que nos fala da formação do Ilê Omolu Oxum, da aprendizagem e permanência da língua nagô nesse terreiro. Os que estavam presentes no encerramento do seminário vão se lembrar da força contagiante quando ela se levantou para saudar Oxalá, todos cantando em língua nagô.

Nas discussões, a força da linguagem nas diversas travessias ficava sempre evidente. Para africanos e descendentes, comunicar-se com os oriundos de outras nações e com os falantes de português permitia maior mobilidade. Ocultar o conteúdo de conversas para quem não deveria ouvi-las, modular a voz, fingir um sotaque ou simplesmente se calar... Os africanos que aqui chegaram, como nos contam a literatura e a tradição oral, podiam utilizar-se dessas características para conquistarem vantagens ou direitos, para se defenderem, para atacarem e para se identificarem.

Para fomentar as articulações entre os temas, incluímos, em notas de rodapé, remissões entre os textos deste livro, na expectativa de destacar o entrelaçamento entre realidade e ficção, entre documentos e “causos”, sem prejuízo da diversidade de perspectivas que marca o olhar de cada autor.

Acrescentamos ao volume uma parte destacada com material de referência composto de mapas, tabelas, verbetes e conceitos linguísticos, para os quais a colaboração

de Margarida Petter, Heliana Mello e Marcos Abreu foi essencial. Integra essa seção um pequeno artigo de Beatriz Mamigonian, sobre um emocionante documento histórico, um bilhete escrito pelo africano Cyro, em 1856, apontando indícios da utilização da escrita por escravos, que podem ainda continuar a ser garimpados na documentação arquivística do país. Agregamos ainda a essa parte algumas imagens relacionadas aos temas aqui abordados, na tentativa de mostrar a força e a permanência das culturas e das falas dos africanos negros entre nós, no Brasil. Joice dos Santos nos ajudou com a pesquisa de imagens.

Agradecimentos a toda a equipe da Casa de Rui Barbosa, a começar pelo seu presidente no momento da realização do seminário, José Almino de Alencar, a então diretora do Centro de Pesquisa, Rachel Valença, e a todos os funcionários que nos apoiam. O bem-sucedido programa de editoração da Faperj viabilizou a publicação do volume pela Nau Editora, à qual agradecemos o carinho com que o projeto foi encaminhado.

Nós, as organizadoras, não podemos deixar de expressar a nossa alegria em contar com a colaboração dos autores que assinam conosco esta obra. Esperamos que a sua leitura suscite novos questionamentos e estudos.